

Joaquim

Andava pelo Mundo: o que trazia ele do Mundo? Pensava isso desde que um vizinho lho dissera, há tanto tempo, desdenhoso: que contam as viagens para o curriculum? Nada, pensara ele. Uns beijos? Nem isso. Aqui uma foto, ali um quadrinho. Tinha também postais do planeta encaixilhados, e matrículas de carros, algumas roubadas rápido, desatarraxadas, outras até compradas. “NT Australia Outback”. Espetou nas paredes nomes de ruas, placas compradas em Atenas, no Rio de Janeiro. “Odos Acadimias”, “Praça Marechal Francisco Moura”. Também trouxera as botas da tropa, havia muito tempo. Eles só queriam umas botas, podiam entregar-se velhas. Seriam as botas como as suas viagens? Pensando melhor, não era assim. “Puxar a culatra, a bala na câmara.” Afinal o que trouxera da Escola Prática de Infantaria não eram as botas. Umas vidas dentro da vida, uns filmes de vida, pedaços de ser, aquilo que também trazia do Mundo. O que trouxera de Sydney não eram só uns quadrinhos; eram as informações que ainda viviam - parece que - nos neurónios e chamam-se, por exemplo, “Darling Harbour” ou o submarino “Onslow”. Tinha fotos e lembranças, nomes, cheiros e pessoas, calor e vegetações. Do Chile trazia o frio e peixe saboroso e imagens de gente que come lixo, tirado do contentor. Tropicana, em Cuba; bailarinas... Que vou eu ali fazer? Que trago do Mundo? Olha a asa do bicho, espero que não caia. Os músicos que conheci em Havana, e Minneapolis? Esmeraldas? Tem isto proveito? Nasci à beira do Índico, sou mais ignorante que aqueles que por aqui sempre estiveram. Joaquim pensou depois na estranha coragem que tinha. Estranha, não era sempre que lhe dava. De noite, ao frio, uma forma de pensar tão rara como o seu andar gingão, tropical, naquele nevoeiro gelado, as ruas abriam-se em pedra calcada. Por vezes melancólico, tantas vezes objectivo, ele era o hipopótamo de marfim trocado por sapatos em Maputo, uma miniatura Ferrari comprada na sede. Pintam-se vidas, secam-se memórias e cores, o que trazemos nós, uns objectos Mayas e aqui o Joaquim lembrou-se de se calar... Temos segredos que guardamos nas diversas bagagens e é mais sábio nunca abrir nas alfândegas.

Carlos Mota